


O MUNDO VAI ARDER.

UM
TOQUE
DE
CAOS

AUTORA #1 DO NEW YORK TIMES

SCARLETT ST. CLAIR

HADES & PERSÉFONE – LIVRO 7

Bloom Brasil

SCARLETT ST. CLAIR

UM
TOQUE
DE
CAOS

Tradução

MARINA CASTRO

 Bloom Brasil

Tudo o que é bom acaba.

AVISO DE GATILHO

Este livro contém cenas que fazem referência a suicídio e cenas que retratam violência sexual, incluindo consentimento dúbio e agressão sexual.

Este livro contém referências específicas a suicídio e a agressão sexual nos capítulos 32 e 37, e no capítulo 11 há uma cena com consentimento dúbio.

Essas cenas não são detalhadas nem explícitas, mas, por favor, tenha cautela ao ler ou pule essas partes para proteger sua saúde mental.

Se você ou alguém que você conhece está pensando em suicídio, por favor, ligue para o Centro de Valorização da Vida (cvv), no número 188, ou visite o site cvv.org.br.

Você é uma sobrevivente? Precisa de assistência ou apoio? Ligue 180 e/ou acesse os serviços da Rede de Atendimento à Mulher no site www.gov.br/mulheres/pt-br/ligue-180.

PARTE I

*Nem mesmo assim eu reteria as mãos do morticínio, até que todos vós
pretendentes pagásseis o preço da transgressão.*

— Homero, *Odisseia*

Perséfone

Os ouvidos de Perséfone zumbiam, e o Submundo tremia violentamente sob seus pés.

Ela ainda estava perturbada pelas palavras de Hécate.

Esse é o som de Teseu libertando os titãs.

Teseu, filho de Poseidon, um semideus que ela encontrara de passagem apenas uma vez, tinha conseguido acabar com sua vida em questão de horas. Tudo havia começado com o rapto de Sibila e Harmonia, e só piorava. Agora Zofie e Deméter estavam mortas, o Elmo das Trevas tinha sumido e Hades estava desaparecido.

Perséfone nem tinha certeza de que “desaparecido” era a palavra certa, mas o fato era que não o via desde que o deixara em seu escritório no Alexandria Tower, preso pela magia dela. A expressão de Hades enquanto a observava sair ainda a assombrava, mas Perséfone não tivera escolha. Ele não a teria deixado ir, e ela não ia permitir que Hades enfrentasse uma eternidade de punição por não conceder um favor.

Mas alguma coisa estava errada, porque Hades não fora atrás dela e não estava ali naquele momento, enquanto o reino deles era destruído.

Outro tremor sacudiu o Submundo, e Perséfone olhou para Hécate, parada diante dela, com os olhos sombrios e a expressão esgotada.

— Precisamos ir — disse Hécate.

— Ir? — repetiu Perséfone.

— Precisamos parar os titãs. O máximo que conseguirmos.

Perséfone continuou olhando para ela. A própria Deusa da Bruxaria era uma titânide. Talvez fosse capaz de lutar contra os antigos deuses, mas Perséfone só agora tinha conseguido enfrentar sua mãe olimpiana.

— Hécate, eu não consigo... — começou ela, balançando a cabeça, mas Hécate segurou seu rosto.

— Consegue, sim — disse, olhando diretamente para a alma de Perséfone. — Você precisa.

Você não tem escolha.

Perséfone ouviu o que Hécate não disse, e sabia que a deusa estava certa. Aquilo ia além de proteger o reino.

Tratava-se de proteger o mundo.

Ela afastou as dúvidas, sentindo aumentar sua determinação de provar que era digna da coroa e do título que havia recebido.

— Ah, minha querida — disse Hécate, tirando as mãos do rosto da deusa e entrelaçando os dedos aos dela. — Não é questão de ser digna.

Foi tudo o que ela disse antes de sua magia se intensificar em uma explosão poderosa e teleportá-las para o Campo de Asfódelos. Mesmo com toda a destruição que testemunhara ao enfrentar os olímpianos nos arredores de Tebas, Perséfone não fora capaz de mensurar o que os titãs poderiam fazer com seu reino, mas a realidade era devastadora.

Antes, as montanhas do Tártaro tinham subidas e descidas íngremes como as ondas de um mar revolto. Apesar de seu uso e do horror que elas continham, eram belas — uma sombra escura e irregular contra o horizonte pálido.

Agora estavam quase planas, como se tivessem sido esmagadas sob os pés de um gigante, e o céu, rachado, uma ferida raivosa aberta para o mundo lá em cima.

Alguma coisa já tinha fugido do Submundo.

O chão tremeu e uma gigantesca mão irrompeu das profundezas do Tártaro, fazendo uma explosão de pedras voar pelos ares. A cabeça de um titã emergiu da prisão, e ele soltou um berro estrondoso. O som foi tão ensurdecador quanto destrutivo, estilhaçando picos próximos como se não passassem de vidro.

Perséfone se lembrou do que Hades dissera a respeito dos titãs. Como não estavam mortos, apenas confinados, eles mantinham todos os seus poderes.

— Jápeto — disse Hécate, a voz quase um silvo. — É irmão de Cronos e o Deus da Imortalidade. — Hécate encarou Perséfone. — Deixa ele comigo. Você precisa vedar o céu.

Perséfone assentiu, embora sua mente estivesse embaralhada tentando entender o que exatamente aquilo

significava. Ela ainda não fizera uso da magia que ganhara ao se casar com Hades.

Hécate se teleportou primeiro e apareceu no ar acima da cabeça de Jápeto. De repente, havia três dela, todas ao redor do Deus da Imortalidade, e de suas mãos surgiram chamas pretas que ela canalizou na direção do titã em um jorro ardente. O rugido de raiva de Jápeto ao ser atingido pela magia fez o ar vibrar.

Com o titã distraído, Perséfone invocou a escuridão dentro de si, chamando os sentimentos que haviam alimentado sua destruição do Submundo quando ela vira Hades e Leuce na Floresta do Desespero. A lembrança a deixou tensa e sensível. Embora o que ela tinha visto não fosse real, as emoções ainda a fizeram estremecer ao atravessá-la. A partir dessa angústia, seu poder floresceu, uma força que invocava as raízes do Mundo Superior acima dela. Elas desceram pelo céu escurecido como serpentes se entrelaçando, fechando o abismo aberto.

Uma sensação de alívio a inundou, e sua atenção se voltou para Hécate, que continuava lutando com Jápeto. Agora Perséfone podia se concentrar em prender o titã na prisão montanhosa, mas algo duro a atingiu, e ela saiu voando. Quando aterrissou, rolou até a margem de Asfódelos, onde o campo se precipitava num vale.

Com dificuldade, Perséfone respirou fundo, apesar de seus pulmões parecerem petrificados, e ficou de quatro, cara a cara com um monstro: uma criatura com três cabeças, uma de leão, uma de cabra e uma de cobra.

O leão rugiu na cara dela, afastando os lábios dos dentes afiados. A cabra abriu a boca e soprou um fogo tóxico que inflamou o ar. A cobra avançou rapidamente, mas não estava perto o bastante para atacá-la com as presas venenosas.

A criatura era uma quimera, uma mistura aleatória de animais, todos perigosos em alguma medida, e tinha escapado do Tártaro.

— *Merda.*

O monstro investiu contra Perséfone, e ela recuou, esquecendo quão perto estava da beira do vale. Caiu, rolando pelo morro até atingir a terra dura coberta de grama.

A deusa se teleportou e conseguiu cair de bunda no fundo do vale. Ergueu os olhos para a quimera, com raiva, mas quando o monstro rugiu, ela ficou surpresa ao ouvir outro rugido atrás de si. Quando se virou, Perséfone viu outra quimera chegando. E outras duas ainda surgiram, uma de cada lado da fera.

Perséfone recuou quando uma sombra passou sobre sua cabeça. A primeira quimera tinha pulado do penhasco e se juntado ao bando, tomando lentamente o pouco espaço que lhe restava.

— Por que tem tantas de vocês? — murmurou Perséfone, frustrada, olhando de uma criatura a outra, avaliando a situação.

De repente, uma grande romã atingiu a cabeça de cabra que se projetava das costas de uma das quimeras. O monstro virou, cuspidando fogo com um berro furioso, e incendiou a criatura ao lado. Um guincho horrível escapou de sua boca, e

ela despencou no chão, rolando na grama espessa, mas as chamas só pareciam se espalhar.

Mais romãs se seguiram à primeira, chovendo sobre os monstros. Quando eles se viraram para encarar seus novos inimigos, Perséfone viu que as almas tinham se juntado numa enorme multidão. A primeira fileira era composta por mulheres e idosos com cestas de frutas. Yuri estava entre eles, e, embora Perséfone tenha sentido um calor no peito ao avistar seu povo, sua satisfação logo se transformou em terror quando a quimera partiu na direção deles.

Ela não tinha ideia do que aconteceria com os mortos se tivessem que encarar uma ameaça em seu reino, mas não queria descobrir.

Enquanto observava, entretanto, a segunda fileira de almas avançou — homens e mulheres armados. Ian era o líder e gritou ordens à medida que a quimera se aproximava.

— Ataquem os pescoços! — disse ele. — As gargantas são feitas de fogo e vão derreter as armas e fazê-las engasgar até a morte.

Enquanto três das quimeras investiam contra as almas reunidas, uma se virou para Perséfone. O leão mostrou os dentes, e os olhos da cabra ficaram vermelhos com o fogo. A cobra tomou impulso, preparando-se para atacar. Perséfone foi recuando enquanto a criatura dava um passo predatório atrás do outro em sua direção e, quando o monstro estava prestes a atacar, com as amplas mandíbulas das três cabeças se deslocando, ela se teleportou. Pretendia invocar sua magia, aprisionar a fera num emaranhado de espinhos, mas, assim

que apareceu atrás da quimera, uma criatura enorme atingiu o monstro. Perséfone levou um momento para se dar conta do que tinha atacado: um cão de três cabeças.

Não qualquer cão de três cabeças: Cérbero, Tifão e Ortros.

Ela nunca os vira nessa forma única, mas Hades já a havia mencionado. *Cérbero é um monstro*, ele dissera. *Não um animal*.

Às vezes Cérbero existia como um, às vezes como três, e parecia ter triplicado de tamanho, assomando sobre ela ao jogar a quimera no ar. O monstro aterrissou um pouco à frente e não se mexeu mais. Cérbero se virou para Perséfone, balançando o grande corpo ao avistá-la.

— Cérbero...

As palavras da deusa foram interrompidas quando um estalo agudo atraiu sua atenção para o horizonte montanhoso, onde Hécate ainda lutava contra Jápeto. O titã tinha conseguido enfiar as mãos enormes entre as raízes poderosas que Perséfone invocara para vedar o céu e, com um puxão rápido, elas se romperam. Gritos aterrorizados irromperam das almas reunidas no campo quando começaram a chover lascas de madeira sobre o Submundo.

Mais montanhas cederam sob o impacto das raízes que caíam. Um gemido agudo e raivoso se seguiu, e sete cabeças de serpente emergiram das profundezas do Tártaro, em ruínas. O sangue de Perséfone gelou quando ela reconheceu a estrutura bulbosa da Hidra.

— Porra!

Se antes ela tivera um pingão de controle sobre essa situação, agora não tinha nada.

— Parece que você está em apuros, hein, Sefy.

Perséfone olhou para a esquerda, onde Hermes havia se manifestado em toda a sua glória dourada, ainda usando a armadura do encontro com os olímpianos. Ela o perdera de vista no campo de batalha, mas ele fora um dos primeiros a apoiá-la contra Zeus — ele e Apolo.

O aroma familiar do louro terroso atraiu a atenção de Perséfone, e ela se virou e viu o Deus da Música parado à sua direita. Ele parecia estoico e calmo e abriu um sorrisinho.

— E aí, Sef — disse ele.

A deusa sorriu de volta.

— E aí, Apolo.

— Grossa — disse Hermes. — Você não me cumprimentou.

— Oi, Hermes — disse Perséfone, olhando para ele.

Ele bufou, debochado.

— Não significa nada se eu tenho que comentar.

Perséfone sorriu e começou a chorar ao mesmo tempo, tomada pela gratidão que sentia pela presença deles.

— Não chora, Sefy — disse Hermes. — Eu só estava brincando.

— Ela não tá chorando por causa da sua brincadeira idiota — comentou Apolo, irritado.

— Ah, é? Você conhece ela tão bem assim?

— Ele não tá errado, Hermes — respondeu a deusa, enxugando as lágrimas depressa. — Eu só... estou muito feliz que vocês dois estão aqui.

A expressão de Hermes suavizou, mas a atenção deles voltou para o Tártaro quando a Hidra rugiu e se jogou do pico onde estava, aterrissando na Floresta do Desespero. Árvores se partiram sob seu corpo gigantesco como se não passassem de gravetos. As cabeças do monstro chicoteavam, atirando a peçonha para todo lado. O líquido se espalhou sobre o Submundo como uma chuva mortal, queimando e escurecendo o que quer que tocasse, incluindo uma quimera, cujo gemido pavoroso preencheu o ar enquanto o veneno a queimava até a morte.

Ao mesmo tempo, Jápeto tinha progredido na tentativa de se soltar, e agora sua cabeça inteira estava exposta, até os ombros largos. Seu rosto era magro, e os olhos, fundos e coléricos, faiscando como se estivessem cheios de fogo. Ele parecia mau e cruel, e, embora Perséfone não esperasse nada diferente do titã que passara séculos aprisionado, ser confrontada com a força mordaz de sua fúria era outra coisa.

Perséfone sentiu a magia ancestral de Hécate a envolver, como se a deusa estivesse extraindo energia de todas as coisas no Submundo. A sensação fez os pelos de seus braços e de sua nuca se arrepiarem, e sua língua secar. Então Hécate soltou seu poder em uma grande explosão. Jápeto cedeu sob o peso dela, batendo a cabeça contra as montanhas, mas Perséfone sabia que não era o suficiente.

— Precisamos levá-los de volta pro Tártaro — disse Perséfone.

— A gente cuida disso — respondeu Hermes. — Se concentra naquele buraco gigante no céu.

Eles devem ter sentido a dúvida dela, porque Apolo acrescentou:

— Você consegue, Sef. Você é a Rainha do Submundo.

— A primeira e única — completou Hermes. — Que a gente saiba.

Perséfone e Apolo olharam feio para ele.

— Estou *brincando* — reclamou Hermes.

Apolo suspirou e deu alguns passos para a frente. Seu arco se materializou em suas mãos, a aljava nas costas.

— Vamos, Hermes.

O Deus das Travessuras deu um passo, depois se virou para olhar para Perséfone.

— Se for de alguma ajuda, não tem mais ninguém.

Ela sabia o que ele queria dizer. Ninguém que conseguiria aprisionar os titãs ou conter os monstros no Tártaro. Ninguém que conseguiria consertar o céu partido.

Aquele era um poder concedido ao Rei e à Rainha do Submundo.

Era ou Hades ou ela, e Hades não estava ali.

A ausência dele fez o peito de Perséfone doer, mesmo sabendo que não era hora de se angustiar pensando no que teria acontecido com o deus desde que ela o vira pela última vez. Primeiro ela precisava lidar com a situação que enfrentava, e quanto mais rápido conseguisse conter essa ameaça, mais rápido poderia encontrar o marido.

As asas de Hermes se abriram atrás dele, e ele se atirou no ar antes de disparar através do reino na direção da Hidra, com Apolo logo atrás.

Perséfone se teleportou para o limite do Campo de Asfódelos. Sozinha, ela parou um instante para observar o caos.

Sempre estivera ciente das próprias fraquezas, mas nunca tanto quanto neste momento. As montanhas do Tártaro não passavam de pilhas de escombros, a beleza da magia de Hades estava desfigurada por trechos de terra chamuscada e fumegante criados pelo veneno da Hidra, o ar cheirava a carne queimada, e, em meio a tudo isso, as almas continuavam lutando contra as quimeras. Hermes brandia a espada dourada contra a Hidra enquanto Apolo enviava raios de luz ofuscante para cauterizar as feridas e impedir que as cabeças se regenerassem. Jápeto continuava a fazer o Submundo balançar, lutando sob a magia de Hécate.

Perséfone respirou fundo e fechou os olhos. Ao fazê-lo, sentiu o mundo ao seu redor se acalmar. Nada se infiltrava em seu espaço, exceto sua raiva, sua dor, sua preocupação. Seus ouvidos zumbiam com os sentimentos, seu coração batia com eles, e ela os usou para se alimentar da parte mais sombria de sua magia. Era a parte dela que doía, a parte que estava furiosa, a parte que já não acreditava que o mundo era inteiramente bom.

— *Você é minha esposa e minha rainha.*

A voz de Hades ecoou na mente da deusa, fazendo arrepios percorrerem seu corpo e embalando seu coração. O som trouxe lágrimas aos olhos dela e fez seu peito se apertar, tirando-lhe o fôlego.

— *Você é tudo que me torna bom* — disse ele. — *E eu sou tudo que te torna terrível.*

A deusa engoliu o nó que se formara em sua garganta. Antes, teria rejeitado essas palavras, mas agora entendia o poder de causar medo.

E ela queria causar pavor.

— *Cadê você?* — perguntou Perséfone, desesperada para que Hades se manifestasse ao seu lado, onde era o lugar dele, mas quanto mais tempo ficava sozinha, mais sombria sua energia se tornava.

— *Esperando para te conduzir pela escuridão se você me levar para a luz.*

O coração dela parecia um peso no peito.

— Eu preciso de você — sussurrou ela.

— *Você me tem* — respondeu ele. — *Não existe um ponto onde você termina ou eu começo. Me usa, meu bem, como você faz para o prazer. Há poder nessa dor.*

E havia dor.

Ela irradiava através de Perséfone, um sofrimento que chegava até os ossos e que se tornara parte dela a tal ponto que quase parecia normal. A deusa não se lembrava mais de quem era antes de a dor oca do luto esculpir um posto em seu coração.

— *Você é mais agora que eu não estou mais aqui* — disse Lexa.

Perséfone apertou os olhos ao ouvir as palavras cruéis de sua melhor amiga, mesmo sabendo que eram verdadeiras. Era estranho que a vida concedesse poder diante da perda, e mais estranho ainda que a pessoa que mais ficaria orgulhosa dela já não estivesse ali para ver aquilo.

— *Eu conheço a sua verdade* — disse Lexa. — *Não preciso testemunhá-la.*

Nesse momento, algo atravessou Perséfone, uma dor tão profunda que ela não conseguiu contê-la, e, quando abriu os olhos, sua visão estava aguçada pelo brilho deles. Seu poder esperou, obedecendo à sua vontade, uma chama contornando seu corpo. Por um instante, tudo ficou imóvel, e ela sentiu a presença de Hades como se ele tivesse surgido atrás dela e enlaçado sua cintura com um braço possessivo.

— *Alimenta isso* — ordenou ele, e, sentindo seu hálito quente no ouvido, ela gritou.

A angústia dela se transformou numa coisa real e viva enquanto seu poder se acumulava ao seu redor, inundando o Submundo, escurecendo o céu. Sombras voaram das palmas das mãos de Perséfone, transformando-se em lanças sólidas, empalando as quimeras e a Hidra. Uma cacofonia de gritos estridentes e rugidos de dor encheu o ar, e o som estimulou a deusa, fazendo-a cavar mais fundo, até a terra começar a tremer e o chão debaixo da Hidra e das montanhas do Tártaro se tornar escuro e líquido. Grossos tentáculos irromperam do lago, agarrando os pés grandes e cheios de garras da Hidra e o que restava das cabeças, arrastando o monstro para as profundezas até seus gritos silenciarem de repente.

A magia de Perséfone também se ergueu ao redor de Jápeto, na forma de ondas escuras, auxiliada por Hécate, cujo poder foi levando o titã cada vez mais para dentro de sua cela nas montanhas, mesmo que ele resistisse, com os braços estendidos, tentando alcançar o céu ainda aberto. A escuridão

de Perséfone continuou a subir, embarçando os cabelos dele e cegando seus olhos, derramando-se dentro de sua boca aberta. O gigante gemeu de raiva até sua garganta se encher e ele não conseguir mais falar, e, depois de cobri-lo, a magia endureceu, e as montanhas do Tártaro brilharam como obsidiana cintilante contra o horizonte escuro.

Do pico mais alto, que era a ponta da mão de Jápeto, agora congelado em pedra dura, a magia de Perséfone continuou a trabalhar, consertando o céu quebrado, e, quando terminou, a deusa abaixou as mãos e a magia recuou, ricocheteando através dela. Ela estremeceu, mas permaneceu de pé. Sentiu uma coisa molhada no rosto e, ao tocar a boca, encontrou sangue.

Perséfone franziu a testa.

— Sefy, você foi incrível! — exclamou Hermes, aparecendo diante dela e lhe dando um abraço apertado.

Apesar de a armadura dele espetar seu corpo, ela recebeu o abraço de bom grado.

Quando Hermes a colocou no chão, Perséfone se viu diante de Apolo, Hécate e Cérbero, ainda na forma de um grande monstro de três cabeças. Ele se aproximou devagar e acariciou a mão dela com delicadeza, as três mandíbulas pingando saliva e sangue.

A deusa não se importou e fez carinho em cada uma das cabeças mesmo assim.

— Bons meninos — disse ela. — Vocês são muito bonzinhos.

No prado lá embaixo, as almas comemoraram. O entusiasmo delas normalmente aqueceria o coração de

Perséfone, mas, em vez disso, ela se encheu de temor.

Será que a magia dela aguentaria? Será que ela conseguiria protegê-las?

Perséfone desviou o olhar para o horizonte e para a estranha torre que agora ligava as montanhas do Tártaro ao céu. Ela não tinha ideia de como a criara, mas sabia o que tinha alimentado sua magia. Ainda sentia aquelas emoções ecoando dentro de si.

— Gostei — disse Hermes. — É arte. A gente pode chamar de... *O acerto de contas de Jápeto*.

Perséfone achou que parecia mais uma cicatriz, uma mancha no reino de Hades, mas talvez ele a consertasse quando voltasse para casa.

Um nó espesso se formou na garganta da deusa, e ela não conseguiu engolir. Virou-se para olhar para todos, inspecionando cada rosto como se um deles pudesse ter a resposta para sua maior pergunta.

— Cadê o Hades? — questionou ela.

Hades

A queimação nos pulsos o acordou. A dor de cabeça que parecia partir seu crânio fazia com que fosse quase impossível abrir os olhos, mas ele tentou, gemendo, os pensamentos se estilhaçando como cacos de vidro. Hades não tinha condições de recolher os pedacinhos, de lembrar como tinha ido parar lá, então se concentrou na dor no corpo — o metal penetrando a pele nua dos pulsos, o modo como suas unhas perfuravam as palmas das mãos, a maneira como seus dedos latejavam, fechados sobre si mesmos, em vez de ao redor do anel de Perséfone.

O anel. Tinha sumido.

A histeria cresceu dentro de Hades, uma aflição que fez com que tentasse se soltar das algemas, e por fim abriu os olhos e descobriu que estava preso em uma cela pequena e escura. Pendurado no teto, o corpo envolvido na mesma rede pesada que o derrubara na prisão do Minotauro, percebeu que não estava sozinho.

Encarou a escuridão, inquieto, consciente de que a magia que existia ali era a sua, mesmo que parecesse estrangeira, provavelmente porque, por mais que tentasse, não conseguia invocá-la.

— Eu sei que você está aí — disse Hades.

Sua língua parecia maior do que a boca.

No instante seguinte, Teseu apareceu, tirando o Elmo das Trevas da cabeça. Ele embalou a arma no braço, dando um sorrisinho.

— Teseu — vociferou Hades, mas sua voz soou fraca até para si mesmo.

Estava tão cansado e cheio de dor que não conseguia falar como queria; caso contrário, estaria furioso.

— Eu pretendia fazer uma entrada mais dramática — disse o semideus, os olhos cor de água-marinha faiscando. Hades odiava aqueles olhos, tão parecidos com os de Poseidon. — Mas você sempre foi um estraga-prazeres.

O pavor tomou conta de Hades, embora o deus tenha se esforçado para não demonstrar nem um pingão de medo. Odiava até mesmo sentir a ameaça de tal emoção na presença de Teseu, mas precisava saber como o semideus pegara seu elmo.

— Como você conseguiu isso?

— Sua esposa me levou direto até ele — respondeu Teseu.

— Eu te falei que só precisava pegar ela emprestada.

Hades tinha muitas perguntas, mas fez a mais urgente.

— Cadê ela?

— Preciso confessar que a perdi de vista — disse Teseu, leviano, como se não tivesse estado de posse da coisa que Hades mais amava nesse mundo.

O deus se atirou para a frente. Queria agarrar o pescoço de Teseu e apertar até sentir os ossos dele se partirem sob suas mãos, mas o peso da rede tornava o movimento quase impossível. Em vez disso, era como se ele mesmo estivesse sufocando. Seu peito se erguia com dificuldade enquanto se esforçava para recuperar o fôlego.

Teseu deu uma risadinha e Hades o fulminou com o olhar, com os olhos lacrimejando pelo esforço. Nunca se sentira tão fraco. Na verdade, nunca tinha *estado* tão fraco.

— Da última vez que a vi, ela estava lutando com a mãe no Submundo. Quem será que venceu?

— Eu vou te matar, Teseu — afirmou Hades. — É um juramento.

— Não tenho dúvidas de que você vai tentar, mas acho que vai ser meio difícil, considerando seu estado atual.

A fúria de Hades se acendeu, incendiando-o por inteiro, mas ele não podia fazer nada — nem se mexer nem invocar seu poder.

Ser mortal, pensou ele, *deve ser assim*. Era terrível.

Teseu deu um sorrisinho e ergueu o elmo, observando-o.

— Essa arma é intrigante — disse ele. — Com ela foi fácil demais entrar no Tártaro.

— Parece que você quer se gabar, Teseu — comentou Hades, fulminando-o com o olhar. — Então por que não acaba logo com isso?

— Não estou me gabando, nem um pouco — respondeu Teseu. — Estou te fazendo uma gentileza.

— Invadindo meu reino?

— Te contando que libertei seu pai do Tártaro.

— Meu pai? — repetiu Hades, sem conseguir esconder a surpresa.

Não saberia descrever exatamente como se sentia, apenas que a notícia o deixara entorpecido. Se tivesse energia para se mexer, a notícia teria feito com que ele parasse na hora.

Seu pai, Cronos, Deus do Tempo, estava livre, vagando pelo Mundo Superior depois de quase cinco milênios preso. Cronos, o homem que invejara o governo do próprio pai e o derrotara com uma foice que ressurgira recentemente no mercado clandestino. O homem que temera tanto o levante predestinado dos filhos que os engolira inteiros assim que nasceram.

Fora Zeus que os libertara daquela horrenda prisão escura, e quando emergiram, eles já eram adultos cheios de ira. Mesmo agora Hades conseguia se lembrar de como se sentira, como a raiva se movera por seu corpo, como a vingança tomara sua mente, alimentara cada pensamento. Depois que conseguiram derrubar os titãs, aqueles sentimentos o seguiram, contaminando cada detalhe de seu reinado e governo.

Não parecia ter sido tanto tempo atrás.

— Não sei quem mais conseguiu fugir com ele — disse Teseu. — Devo confessar que precisei sair, mas com certeza vamos descobrir nos próximos dias.

— Seu *imbecil* — respondeu Hades em voz baixa, morrendo de ódio. — Você tem noção do que fez?

Cronos não estivera dormindo pelos últimos cinco mil anos, mas passara todo esse tempo no Tártaro consciente e planejando se vingar, exatamente como Hades estava fazendo agora. Ele se preocupava com o que o pai faria primeiro com essa liberdade. Pensou na mãe, Reia.

Reia, que enganara Cronos fazendo-o engolir uma pedra para que Zeus pudesse viver e derrubá-lo.

Seria ela que receberia a ira de Cronos primeiro. Hades tinha certeza.

— Fala sério, Hades — disse Teseu. — Nós dois sabemos que eu não tomo decisões precipitadas. Passei um tempo pensando nisso.

— E o que exatamente você pensou? Que libertaria meu pai do Tártaro e ele ficaria tão em dívida com você que se juntaria à sua causa?

— Não tenho nenhuma ilusão desse tipo — respondeu Teseu. — Mas vou usá-lo assim como imagino que ele vai me usar.

— Usar você? — perguntou Hades. — E o que é que você tem a oferecer?

Teseu sorriu. Era um sorriso perturbador, de tão genuíno.

— Em primeiro lugar — disse ele —, eu tenho você.

Hades o encarou por um instante.

— E vai fazer o quê? Me oferecer como sacrifício?

— Bom, sim — respondeu Teseu. — Cronos vai precisar de oferendas para alimentar seu poder e sua força. E quem

melhor do que o próprio filho usurpador?

— Seu pai também foi um usurpador. Você vai sacrificá-lo?

— Se for necessário — admitiu Teseu.

Hades não ficou surpreso com a resposta do semideus. Além disso, sua honestidade era um indício de que ele acreditava que Hades jamais deixaria essa prisão.

— E o que vai acontecer quando vocês dois decidirem que o outro precisa morrer? — perguntou ele.

— Nesse caso, acho que é bom que eu esteja predestinado a derrubar os deuses — respondeu Teseu.

Hades sabia que o semideus estava se referindo à profecia do ofiotauro, uma criatura meio touro, meio serpente cuja morte garantia a vitória contra os deuses.

Fora Teseu que matara o monstro, e ele presumia que isso significasse que derrubaria os olímpianos, mas a profecia nunca especificara como se daria a vitória, nem quem venceria.

A arrogância do semideus seria sua ruína, mas Hades não ia discutir. Teseu que enfrentasse as consequências de sua soberba, como inevitavelmente acontecia com todos.

— Você nem é invencível. Acha que consegue derrotar os deuses?

Talvez não devesse ter dito aquilo, mas Hades queria que Teseu soubesse que ele conhecia sua maior fraqueza: não conseguir se curar como os outros deuses. Dionísio descobrira isso quando estava preso na ilha de Trinácia. Hades queria mais do que tudo poder ele mesmo colocar essa história à prova, e um dia, em breve, o faria.

Teseu fechou a cara, e um mal que Hades nunca vira antes espreitou por trás de seus olhos. O semideus largou o elmo e sacou uma faca. Hades mal viu a lâmina cintilante antes de Teseu enfiá-la na lateral de seu corpo. Por um instante, seus pulmões pareceram petrificados, e ele não conseguiu respirar.

Teseu ergueu a cabeça para encarar Hades, murmurando.

— Talvez você possa me contar como é isso — disse ele, girando a lâmina antes de arrancá-la do corpo de Hades.

Hades cerrou os dentes contra a dor, que era aguda e quase elétrica, e irradiava para baixo. Ele se recusou a emitir qualquer som, a deixar que o semideus soubesse como estava sofrendo.

Teseu ergueu a faca entre eles, manchada com o sangue do deus. Hades reconheceu a foice de seu pai. Parte dela, pelo menos. A ponta estava faltando, e havia sido encontrada no cadáver de Adônis depois que ele fora atacado nas imediações da La Rose. Ele fora a primeira vítima da campanha de Teseu contra os olímpianos, um sacrifício feito para antagonizar Afrodite. Depois, Hades descobriria que a Deusa do Amor fora escolhida como alvo por Deméter por causa de sua influência sobre o relacionamento dele com Perséfone. Fora esse o preço dela em troca do uso de sua magia e de suas relíquias.

— Ora, ora, veja só — disse Teseu. — Você sangra como eu sangro. — Ele deu um passo para trás, como se quisesse admirar o próprio trabalho. — Seria bom você lembrar que, debaixo dessa rede, você é mortal.

Hades nunca estivera mais ciente disso do que naquele momento, enquanto lutava para respirar, o peito subia e descia

depressa. Ele sentia frio, a pele estava úmida.

— Você acha que consegue transformar todos nós em mortais?

— Acho — respondeu Teseu. — Com a mesma facilidade com que posso me tornar invencível.

O semideus não explicou o que queria dizer, mas Hades conseguia adivinhar. Havia poucas maneiras de se tornar invencível nesse mundo. Uma era através de Zeus, que, como Rei dos Deuses, podia conceder a invencibilidade. Outra era comer uma maçã dourada do Jardim das Hespérides, o pomar de Hera, e como os dois haviam formado uma espécie de aliança, Hades imaginava que esse seria o caminho que o semideus escolheria.

Teseu embainhou a faca ensanguentada, depois pegou o Elmo das Trevas antes de enfiar a mão no bolso para tirar de lá algo pequeno e prateado. O coração de Hades se apertou ao avistar o objeto.

— É um anel lindo — comentou Teseu, segurando-o entre o polegar e o indicador, girando a joia de modo que, mesmo sob aquela luz fraca, as pedras cintilassem. Hades ficou observando, com um frio na barriga a cada movimento. — Quem poderia imaginar que seria sua perdição?

Teseu estava errado.

Aquele anel era a esperança de Hades, mesmo que não pudesse segurá-lo, mesmo que estivesse nas mãos de seu inimigo.

— Perséfone virá — afirmou Hades, cheio de certeza.

Sua voz estava baixa, os olhos pesados.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um Toque de Caos"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).